

Portfólio

STATEMENT

O conjunto de minha obra é um vasto no que se refere as técnicas de execução. O que liga uma produção a outra é o tema da migração e suas conseqüentes sociais. Tenho uma pesquisa com imigrantes realizada com fotoperformance, tendo esta se desdobrado em outras que recriam novos personagens. Por esta razão, pode-se afirmar que meu trabalho é resultado de um processo que desencadeia distintos caminhos que levam a um mesmo ponto. Nas séries de fotoperformance, por exemplo, atuei interpretando personagens por mim criados. A exemplo, a personagem que chamo de "Abissal" é uma metáfora de toda a criatura vinda do mar, do mais profundo e obscuro oceano. Vem das entranhas da terra. Aquela criatura feia e da escuridão, emerge em minha obra como um ser mítico, surge quase como uma lenda. Foi daí que desenvolvi o projeto Deriva, que se destinou a levar a criatura abissal pelo mundo. Antes da criatura abissal, eu já havia iniciado uma longa série intitulada "das intimidades do mar" que utiliza fotografias antigas, reproduções de daguerreotipos, manipulados com cera e desenho para narrar a história de uma ilha morta, ou uma Atlântida perdida. Eu chamo esta Atlântida de Pasárgada e uso como referência Manuel Bandeira. Destas duas séries, surge uma outra intitulada Khôra. De forma mais midiática e política, nasce a personagem Judith que aparece entre imigrantes espalhados pelo mundo, sempre mascarada, sempre indiferente ao mundo que a cerca. Judith não tem rosto, não julga. Ela aparece. Surge no entre e desaparece. Incomoda. Ela é o outro quase invisível, mas que tanto perturba: o imigrante, a mulher, o que se destaca pela diferença... As fotografias com Judith sempre são realizadas em contextos ligados a migração e, portanto, comumente pode surgir ao lado da personagem um imigrante em seu cotidiano ordinário. Khôra desencadeou outro projeto bastante importante neste processo criativo. Trata-se da série de videoartes Firefly. Esta série tem inspiração em estudos a partir da obra poética de Pier Pasolini.

O fio da meada veio com o texto "o silêncio da noite" famoso pela analogia que faz aos vaga-lumes com a resistência ao fascismo. Este caminho faz sentido porque o ódio aos imigrantes tem uma forte conexão com o fascismo e por conta deste dado, alonguei a pesquisa, esmiuçando a questão. Retomo a personagem Judith, com e sem máscara nos vídeos Judith não fala. Atualmente tenho realizado animações com as pinturas da série Onde está Sudão? ampliando, desta forma, a pintura em seu vasto campo expandido.

Em 2018, a partir do apanhado de todas séries acima citadas e observando os últimos acontecimentos ligados ao tema em questão, criei uma série que tenho me dedicado atualmente. Cham-se Onde está Sudão? Sudão é o nome de um rinoceronte macho do norte, que morreu aos 45 anos em maio de 2018. Com a sua morte foi considerada extinta sua raça. A história de Sudão também foi marcada por idas e vindas e por um longo exílio na República Tcheca. A razão era a cobiça por seu chifre totalmente constituído de cartilagem, que orientais julgam ser a razão de milagres no tocante a fertilidade. Mito ou não o fato é que, devido a caça ilegal durante anos, esta espécie desapareceu, restando apenas duas fêmeas, sendo uma delas filha de Sudão e a outra, neta. Esta conexão que faço com o tema e as formas de tratá-lo dá a minha obra uma visão ampla da questão, compreende-se a dimensão da dor, da solidão, da indiferença, da maldade e do sonho, do onírico. Porque também encontro o lugar para o escapismo, para a saída, também crio um lugar imaginado para aqueles que não tem lugar.

Desta forma, pode-se observar que oscilo entre muitas linguagens, desde desenho, fotografia, performance, objeto, escultura, instalação, intervenção, vídeo, mas sempre conectado ao eixo da pesquisa: a migração e suas conseqüentes sociais e políticas. Na série dos murais e das intervenções urbanas, utilizo personagens míticos e poéticos, provindos de uma Atlântida perdida, sem território fixo que vagam à deriva pelo mundo. Todos possuem uma forte relação com o mar (veículo de fuga, quimera, mas também desespero).

Portanto, através do meu trabalho tento dar visibilidade ao tema em questão, utilizo de imagens para atrair reflexões de modo a provocar debates sobre a migração, sobre as consequências de um modelo de globalização voltado para o mercado, e, por consequência, negligente sobre os impactos socioculturais que todo este movimento de pessoas e consumo acarretam. Portanto, busco instigar sobre os segredos destes personagens e o que os cerca, reavivar a memória coletiva que neles contém, para construir um relato de uma sociedade e de uma época.

DERIVA

A intimidade afundada por debaixo de uma ilha morta.

Abissal é toda a intimidade do mar. Este é o conceito de origem mais profundo sobre a intimidade que a pesquisa "Abissal" desenvolve. Esta irá investigar as repercussões culturais, sociais e políticas de "intimidades distribuídas" - os processos e resultados de novas formas de mediação que reformulam como nos relacionamos uns com os outros, nos imaginamos como partes de grupos, que constituem comunidades. Dado o caráter fractal de nossa subjetividade – as maneiras pelas quais nós somos o resultado de redes de relações intersubjetivas, experiências e conceitos.

Quais são as nossas intimidades constituídas pelas formas em que vivemos? Quais são os modos e máquinas pelos quais tais intimidades são distribuídas, e o que determina a sua intensidade? Como é que a distribuição global de bens e ideias afeta através de oceanos e continentes nossas formas de intimidade e pertencimento a uma comunidade? Que forma de intimidade sentimos inevitável? Para discutir estas questões, me transformo em uma criatura abissal, que é forçada a sair em busca de outro lugar, que lugar? O lugar que a faça voltar para o tempo pertencente a sua ilha. Mas a ilha é morta, como uma Atlântida perdida, e sendo esta "criatura estranha" única sobrevivente desta ilha, torna-se, ela, toda a ilha em si. Transforma-se ela, em uma imensa ilha cultural, móvel, migrante, apátrida, mas culturalmente formada por seus ancestrais. Por isso, sua cultura, a forma de pensar e ver o mundo são todos pertencentes à ilha.

Uma ilha morta ou uma boia à deriva? Tal qual, um anônimo nas grandes cidades, como mero passante nas avenidas, nos metrô, nos cafés a personagem "abissal" com suas intimidades coletivas, estranhas, pode ser qualquer um que habite a cidade, que tenha se deslocado, migrado de uma cidade para outra, de um país para outro, ou mesmo, apenas sendo diferente culturalmente em relação a um grupo social ao qual está inserido. O deslocamento não se dá somente físico, a migração pode ser causada pelo estranhamento de uma cultura local que não mais nos pertence. A intimidade afundada por debaixo de uma ilha morta.

A pesquisa durou três anos e foram realizadas uma série de fotografias em Frankfurt/ Alemanha; Dserto Siloli / Bolívia, Havana/ Cuba; Praia do Cauipe e Canoa Quebrada/ Ce- Brasil e Budapest/ Hungria.



Budapest, 2015



Budapest, 2015



Laguna Colorada, Deserto Siloli- Bolívia 2014



Salar de Uyuni- Bolívia 2014



Canoa Quebrada, Ceara - 2014

Canoa Quebrada, Ceará - 2014



Playa 16, Havana Cuba - 2013



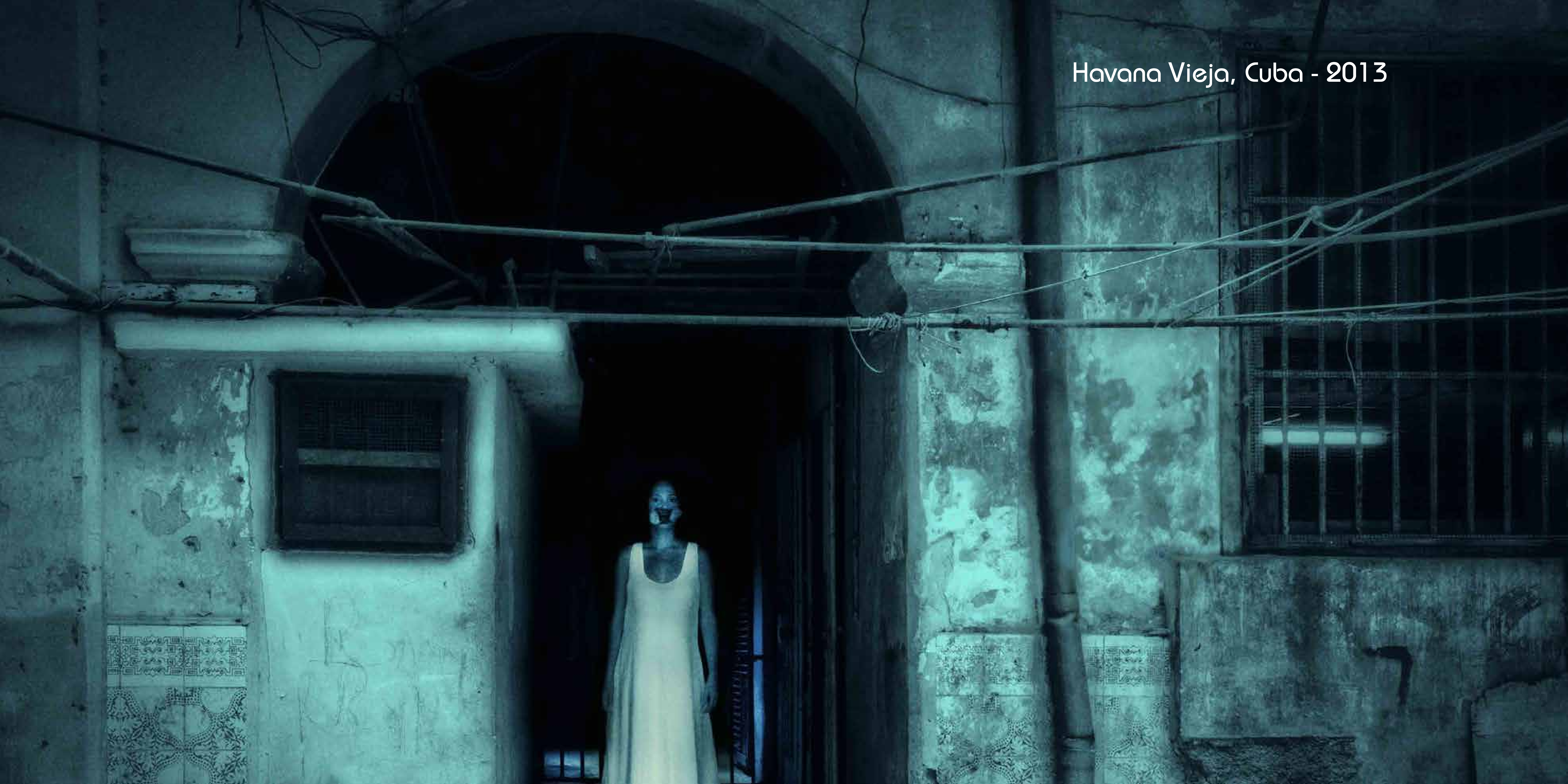
Playa 16, Havana Cuba - 2013



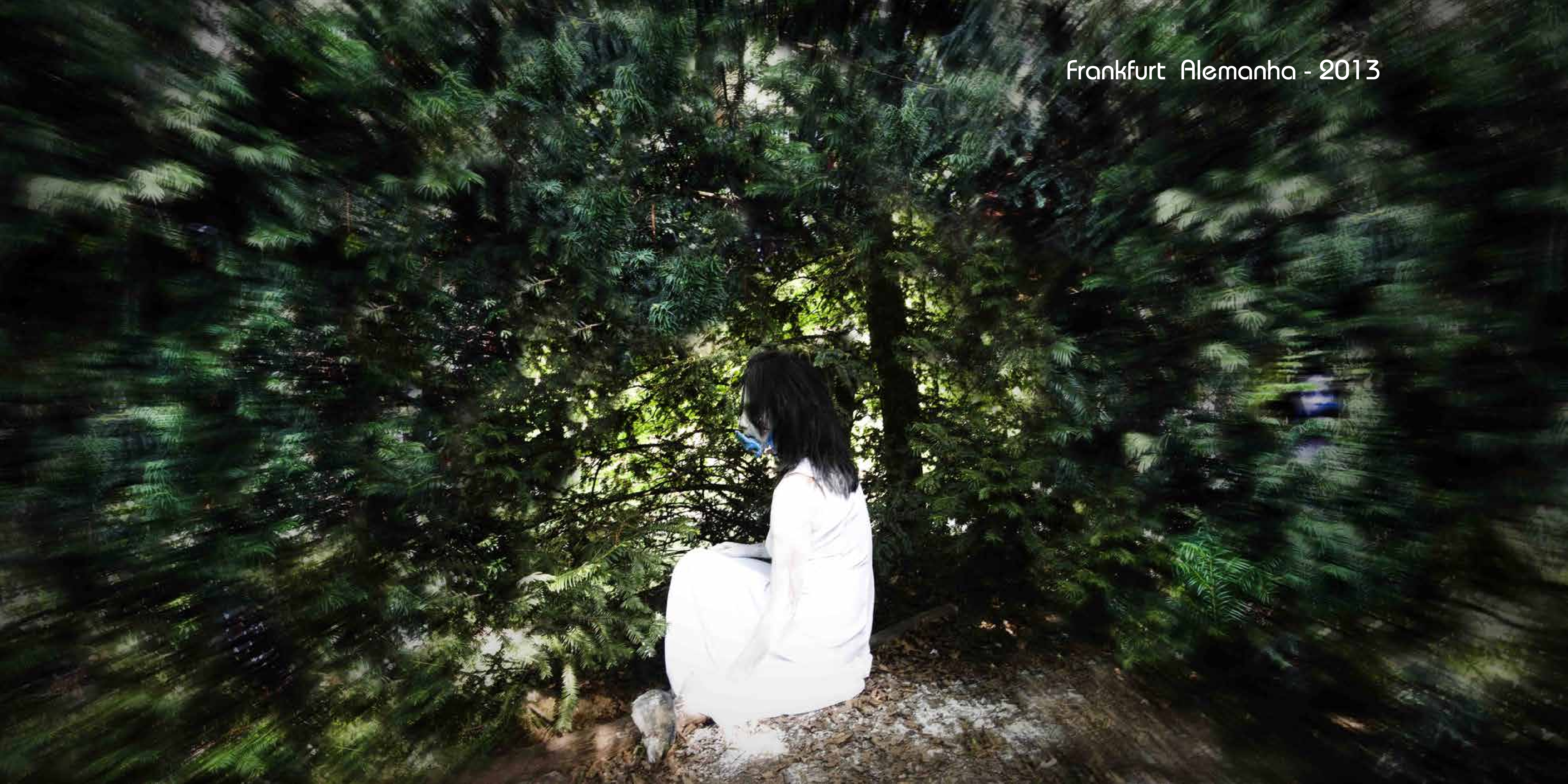
Havana Vieja, Cuba - 2013



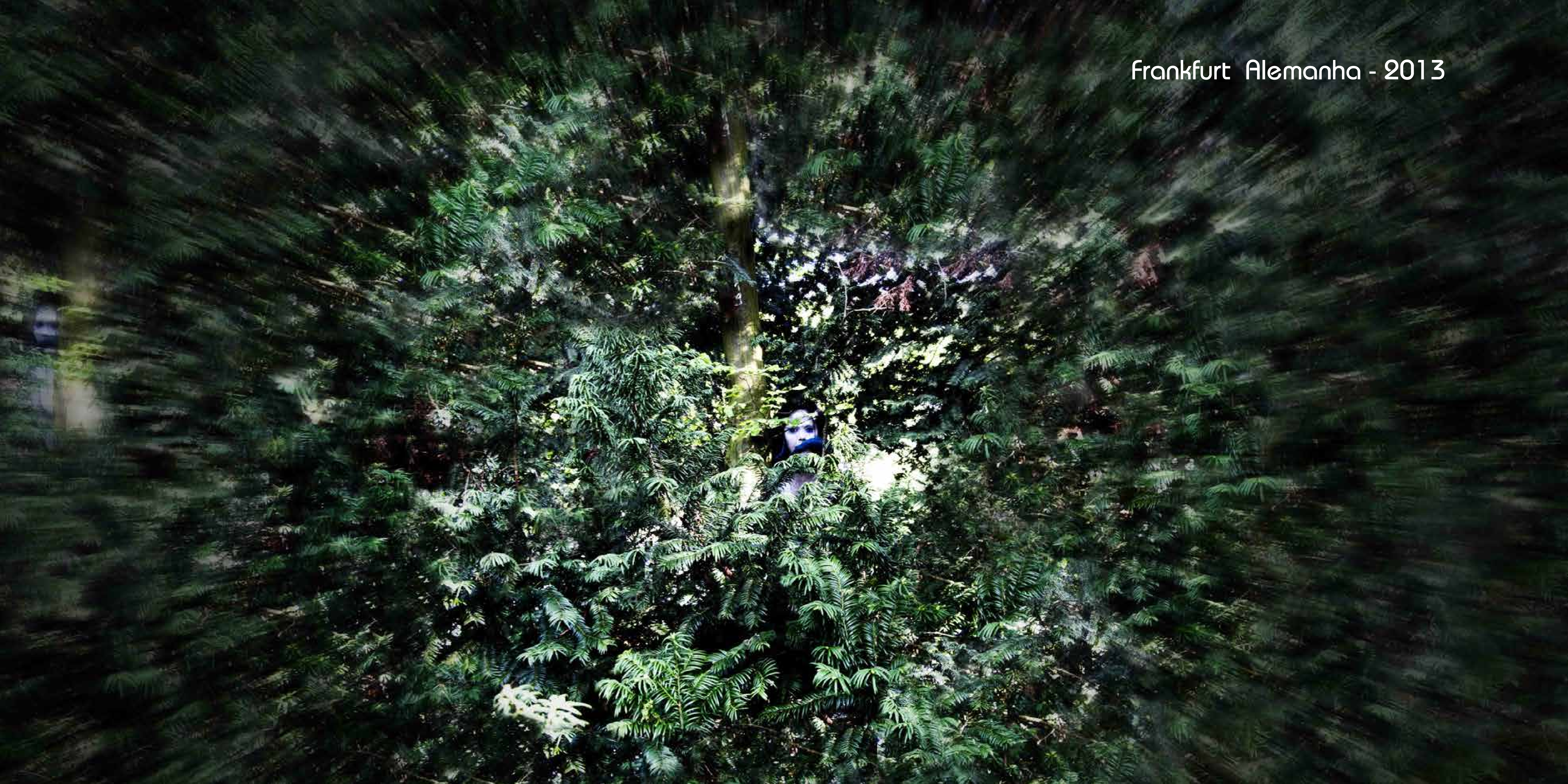
Havana Vieja, Cuba - 2013



Frankfurt Alemanha - 2013



Frankfurt Alemanha - 2013



firefly

sabe-se que a luz mora na escuridão

firefly
retratos do silêncio

A partir das imagens retiradas dos vídeos da série *firefly*, recrio retratos que partem originalmente destes vídeos. Desta forma, a fotografia se expande em sua possibilidade técnica e conceitual. No momento da realização dos videoartes os enquadramentos foram pensados como retratos em movimento. Neste caso, utilizo o percurso inverso do processo de obtenção do retrato.

fotograma e fotopintura digital
2019
100 x 60 cm













Links para acessar os vídeos do projeto
firefly

Ano de realização
2018 - 2019

Da série *firefly*
Videoarte

O silêncio da noite - 2018

<https://vimeo.com/254287873>

O inferno invertido - 2018

<https://vimeo.com/231381033>

Fé - 2019

<https://vimeo.com/312298230>

Violência - 2019

<https://vimeo.com/312300308>

firefly
2018
fotoperformance
100 x 40 cm

Recente série realizada com angolanos residentes em Fortaleza.
Nesta série de fotoperformance foi pensado a imagem como pontos de luz. Para tanto, criei um ambiente quase completamente escuro, sendo iluminado apenas por pequenas lanternas.





KHORA

Série

Judith: somos todos iguais perante a Lei

Barcelona, 2014 - 2015

110 x 80 cm

As imagens que seguem fazem parte da pesquisa com fotoperformance e estão inseridas no projeto khora













Série

Judith: somos todos iguais perante a Lei
2015

Sérvia Belgrado
fotoperformance

Série de fotos produzidas em Belgrado em campo de refugiados, no qual, se encontravam em maior quantidade povos originalmente sírios.

Nesta série também prevaleceu recursos de montagens e redimensionamento de personagens que aparecem na imagem. Mais uma vez parto de uma realidade dada, factual, para evidenciar uma realidade invisível.













Série
Judith: era tudo sobre a solidão
Senador Pompeu
2016
100 x 40 cm
fotoperformance

Série de fotos produzidas em Senador Pompeu , Ceará no ano de 2016 , em campo de concentração para flagelados da seca de 1932 .

Hoje o local é abandonado e está localizado no Sertão Central do Ceará - Brasil.

Nesta etapada da pesquisa, fiz um desdobramento no que se refere à representação do imigrante. Como foram realizadas nas ruínas dos antigos Campos de Concentração em Senador Pompeu resolvi colocar a personagem solitária. A presença se fala pela ausência daqueles que foram massacrados pela seca e pelas políticas públicas praticadas na época.







Onde está Sudão?

O vídeo é uma espécie de animação de pinturas da série Onde está Sudão? Considero esta animação como um desdobramento da pintura. A pintura aqui se realiza em seu campo expandido.

A obra está inserida na série acima mencionada e trata-se de uma pesquisa que é resultado de outras anteriores, cujo foco é a imigração e suas consequências sociais e políticas.

O último Rinoceronte-Branco do norte, macho, morreu no Quênia aos 45 anos, anunciou a equipe responsável por sua segurança, o que deixa duas fêmeas como únicas sobreviventes da subespécie. O Rinoceronte, chamado Sudão, sofria havia muito tempo de complicações de saúde por sua idade avançada e, após um agravamento considerável de seu estado, "a equipe veterinária tomou a decisão de praticar a eutanásia", informou em um comunicado a direção da reserva natural Ol Pejeta, do Quênia, onde o animal vivia. Quando Sudão nasceu em 1973, em Shambe, no Sudão do Sul, havia quase 700 exemplares vivos. Em tese, a morte de Sudan significa a extinção dessa subespécie de Rinoceronte. Os cientistas coletaram seu material genético e estão tentando desenvolver técnicas de fertilização in vitro para preservar a subespécie.

Sudão viveu os últimos anos de sua vida em uma reserva de 36.400 hectares no centro do Quênia, ao lado das duas Rinocerontes fêmeas desta subespécie, protegido dos caçadores por guardas armados.

"Em Ol Pejeta estamos tristes com a morte do Sudão. Era um grande embaixador de sua espécie e será recordado porque serviu para alertar em nível global sobre a situação que os rinocerontes enfrentam, mas também as muitas milhares de outras espécies ameaçadas de extinção como resultado da insustentável atividade humana", afirmou o diretor do Ol Pejeta, Richard Vigne.

Os Rinocerontes têm poucos predadores na natureza por seu tamanho. Mas a população de Rinocerontes brancos do norte foi dizimada em Uganda, na República Centro-Africana, no Sudão e no Chade em consequência da caça dos anos 1970 e 1980, estimulada pela demanda de chifres de rinoceronte para a medicina tradicional chinesa na Ásia e para alças de punhal no Iêmen. Uma última manada selvagem (20 a 30 Rinocerontes) na República Democrática do Congo morreu nos combates registrados neste país no fim dos anos 1990. Em 2008, o rinoceronte branco do norte foi considerado extinto em estado selvagem. Os Rinocerontes estão no planeta há 26 milhões de anos. Em meados do século 19, sua população era de quase um milhão na África. Em 2011, o Rinoceronte-Negro ocidental foi considerado extinto. Pesquisadores tentarão reproduzir o grupo por meio de fecundação in vitro, com material genético coletado do macho.



Desenho
aquarela sobre papel
2019
71 x 56 cm

Link para o video animação da pintura

<https://vimeo.com/329819723>

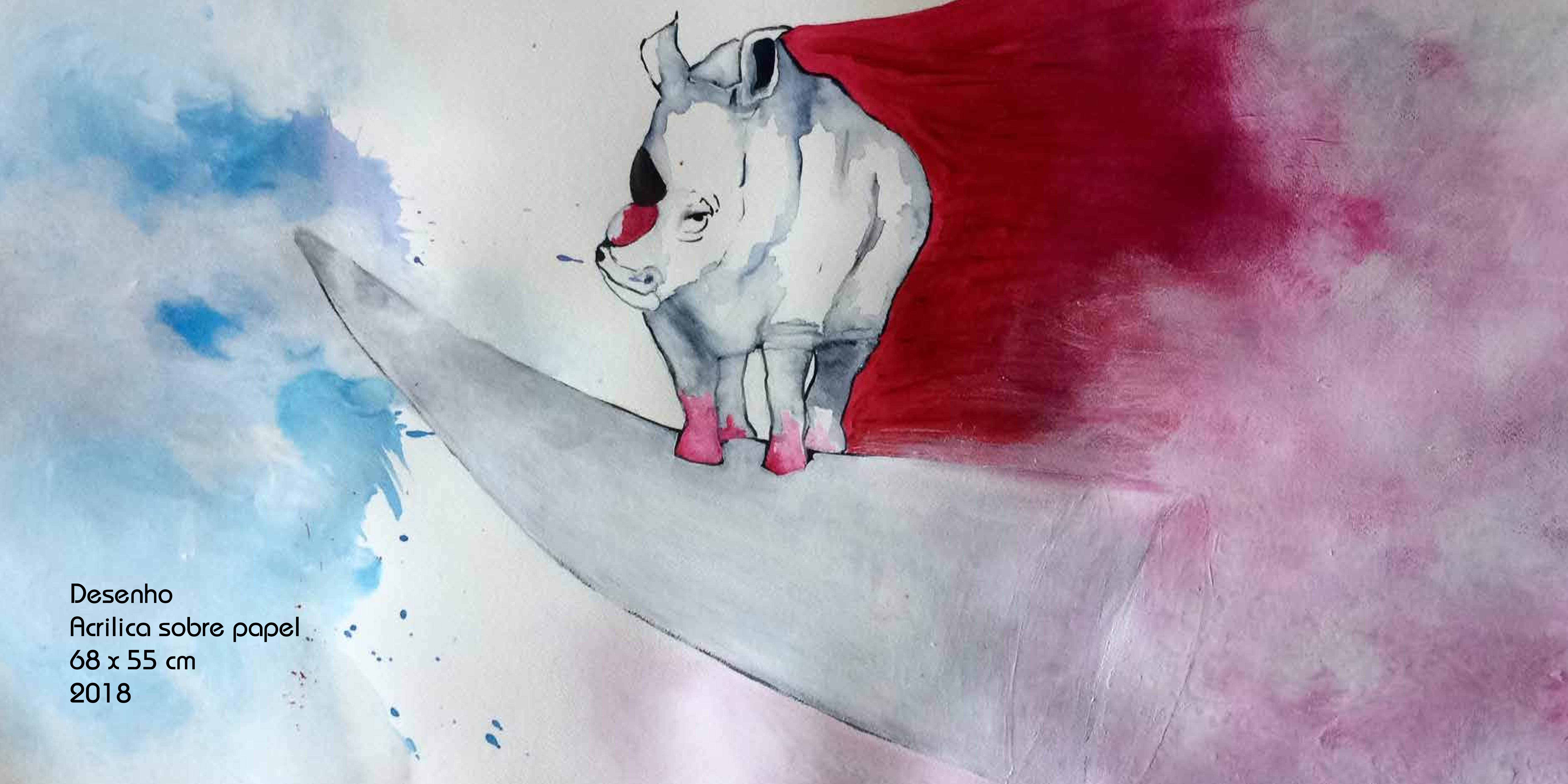
A pintura deve ser exibida ao lado do vídeo



Pintura
cera, acrílica sobre madeira
2019
51 x 42 cm

[Link para o video animação da pintura](#)

A pintura deve ser exibida ao lado do vídeo



Desenho
Acrilica sobre papel
68 x 55 cm
2018



Desenho
Acrilica sobre papel
68 x 55 cm
2018



Pintura
Acrilica sobre tela
20 x 20 cm
2018



Pintura
Acrilica sobre tela
20 x 20 cm
2018



Pintura
Acrilica sobre tela.
40x 40 cm
2018



Pintura
Acrilica sobre tela.
40x 40 cm
2018



Pintura
Acrilica sobre tela.
40 x 50 cm
2018

Pintura
Acrilica sobre tela.
20 x 30 cm
2018

www.mairaortins.wordpress.com